

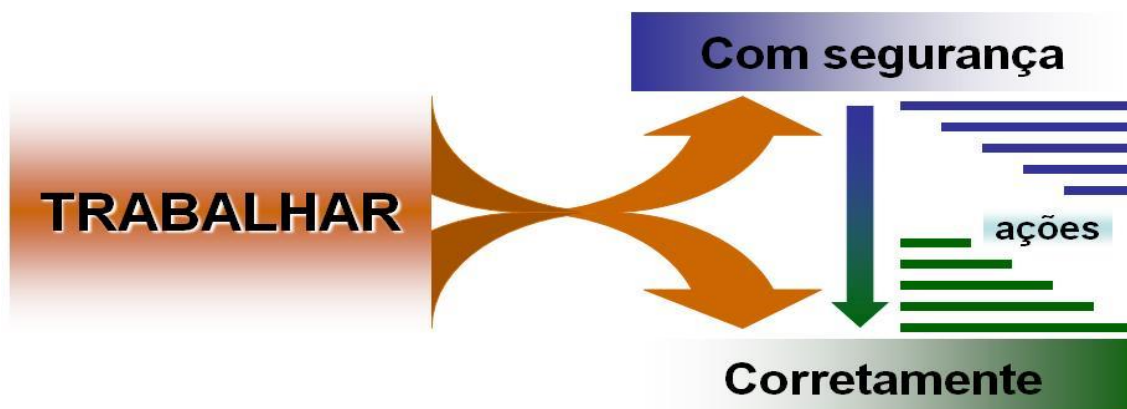


TRABALHAR CORRETAMENTE: Segurança e Saúde no trabalho como parte intrínseca e essencial dos processos produtivos

Geraldo Taveira Neto

Quando se pensa em gestão de Segurança e Saúde no Trabalho, não se está referindo a um ato administrativo isolado e diferenciado dos demais atos que culminam na consecução dos objetivos da empresa. A diferença não se identifica no processo, mas sim no objeto (foco) a ser administrado e nos resultados pretendidos.

A concepção diferenciada de gestão do conjunto de fatores que compõem, por exemplo, a produção, a manutenção ou qualquer área de apoio, em relação à segurança e à saúde no trabalho, está precisamente no dualismo: **trabalhar e fazê-lo com segurança**. Na maioria das empresas, quando se fala em “fazer segurança” ou dotar o ambiente e as atividades de mecanismos seguros e saudáveis, a ideia que se tem é a de que essa iniciativa se resume numa atividade à parte, desvinculada das ações voltadas ao negócio-fim da empresa e conduzidas pelos componentes do SESMT.



Conceber de forma dualística o mundo do trabalho faz parecer que existem duas situações distintas nas relações de trabalho: uma que consiste em trabalhar com o objetivo de produzir (gerar o produto a que ação se destina), e outra, trabalhar com segurança com vista à prevenção de acidentes. Reforça-se a ideia de

trabalhar com segurança numa clara alusão ao fato de que é possível trabalhar sem a mesma, e que, se ela é pretendida, será necessária a implementação de medidas específicas, suplementares, para garanti-la. Essa forma de pensar pode nos levar ao raciocínio de que uma operação a ser efetivada implica procedimentos específicos da atividade em apreço, complementados por mecanismos outros, garantidores da segurança dos trabalhadores. ⁱ

Nossa visão e experiência contradizem esse raciocínio. Defendemos que a execução correta de uma determinada tarefa traz em si mesma o postulado da segurança. A insegurança, por conseguinte, é o pressuposto da realização de uma tarefa de forma irregular, incorreta, incompleta ou em desacordo com o que fora planejado. Nesse caso, o que deve ser observado e corrigido não é a insegurança evidenciada na realização de uma dada atividade, mas a feitura em si, com correção e/ou com adequação, uma vez que é dessa inadequação que surgem, de maneira agravada, as condições de risco potencialmente capazes de gerar acidentes

Esse modo de pensar situa-nos diante da totalidade de operações existentes nas empresas, das mais simples às mais complexas, das manuais às mecânicas. Insistir na separação entre trabalho correto e trabalho seguro é continuar conferindo ao trabalho duas dimensões distintas – **uma de produção, outra, de fazer segurança** –, o que, além de falso, subtrai dos verdadeiros responsáveis pela segurança dos trabalhadores - ocupantes de cargos de chefia, sobretudo supervisores e líderes - não apenas a atribuição, mas, sobretudo, o dever inquestionável de fazê-la. A primeira dimensão diz respeito ao negócio, daí a atenção que lhes é dada. As pessoas sabem o que lhes compete fazer, e fazem, sem muita delonga. Elas sabem, da mesma forma, o que estará em jogo quando deixam de cumprir suas obrigações. A segunda dimensão – segurança no trabalho – no discurso funciona sem problemas ou convenientemente bem, mas na prática, nem sempre, porque depende da desenvoltura de quem não está diretamente envolvido com os processos produtivos. Além do mais, os mecanismos de aferição de resultados e cobranças não são os mesmos adotados em relação às atividades fins do negócio da empresa. As falhas que resultam em acidentes são comumente debitadas aos trabalhadores ou aos técnicos do SESMT, independentemente do que as tenha ocasionado. ⁱⁱ

Conclui-se, portanto, que a gestão da Segurança no Trabalho não é tarefa específica de um determinado setor da empresa – por sinal, desvinculado da produção e desprovido de poder decisório, mas parte integrante e essencial do ato de gerenciar a produção ou o serviço e conduzida por quem, de fato, se incumbem de gerenciar as referidas áreas. O paradoxo da dissociação da segurança no trabalho das atividades produtivas está no fato de que quem dispõe de poder para criar e/ou manter os riscos no trabalho – gestor da produção – não se sente, da mesma forma, responsável pela sua correção. O questionamento que tal situação impõe é: **Se o gestor dispõe de poder para gerar ou manter uma condição de risco no trabalho, por que o mesmo poder não serve para impedi-lo de gerá-la ou de corrigi-la imediatamente?** A resposta a esse questionamento, por sinal decisivo na gestão eficaz de SST, só poderá ser encontrada nos traços dominantes da cultura da empresa, onde as ações de SST não são percebidas nem tratadas como valor intrínseco e essencial ao processo produtivo.

Evidentemente, não são apenas a inclusão das ações de SST ao sistema produtivo e a transformação dos gestores das áreas de riscos em responsáveis, de fato, pela segurança dos trabalhadores a solução definitiva do problema. Essas duas medidas, pela sua natureza, representam apenas o primeiro passo na transposição do segundo para o terceiro estágio de maturidade dos programas de SST. No entanto, sem a efetivação dessa medida, outras requeridas pelo referido estágio dificilmente seriam, na prática, efetivadas.

ⁱ O dualismo que caracteriza a desvinculação da segurança e saúde no trabalho das atividades produtivas tem suas origens ora na inclusão das ações de SST no conjunto das relações trabalhistas, ora nos seus efeitos.

ⁱⁱ A esse respeito é importante verificar a ocorrência de acidentes graves, envolvendo mortes, que ocorrem em operações de manutenção que se iniciam e não se concluem corretamente. É comum partes de máquinas e/ou de equipamentos e ainda passarelas e/ou pisos de trabalho (proteção coletiva) serem retirados e não recolocados da mesma maneira como foram encontrados. É importante lembrar que a ausência de medidas de proteção (peças retiradas e não recolocadas) nem sempre impedem ou atrapalham o funcionamento de uma máquina e/ou equipamento. Daí a permissividade, de parte da operação, em aceitar o trabalho inacabado da manutenção.